

DO TEATRO AO CINEMA: DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS NA UTILIZAÇÃO DA POÉTICA DE BRECHT NA REALIZAÇÃO DE DOGVILLE

Felipe Aidar da Silva –felipeaidar@hotmail.com
INSTITUTO DE ARTES –DEPARTAMENTO DE ARTES CORPORAIS
Agência financiadora: Pibic/CNPq
Orientação: Prof. Dr. Marcelo Ramos Lazzaratto
Palavras chave: Brecht -Dogville –Cinema –Teatro

Introdução

Esta pesquisa buscou analisar a opção de encenação do filme *Dogville*, de Lars Von Trier, ao que cerne o uso dos elementos de narrador e introdução escrita de cada cena, à luz da poética de Bertolt Brecht, pensador teatral de grande influência sobre o teatro do século XX, fonte clara de inspiração para o pensador cinematográfico.

O estudo sobre o teatro épico de Brecht e sobre o trabalho de Lars Von Trier, com foco nos elementos citados acima, e a comparação do uso dos mesmos pelos dois pensadores, suscitaram questões sobre como adaptar elementos de uma mídia para outra. O estudo buscou analisar como tais elementos podem ser introduzidos no cinema, e as alterações e considerações necessárias para que eles se mantenham funcionais, não necessariamente mantendo a mesma função.



Metodologia

A pesquisa foi dividida em dois momentos, a primeira parte se reservou ao estudo focado em Bertolt Brecht e suas teorizações sobre o “Teatro Épico”, com estudo básico, e aprofundamento maior sobre os elementos citados acima. A segunda metade envolveu estudo focado em Lars Von Trier, também com estudo básico e foco principal nos mesmos elementos. A partir do referencial teórico, aliado a estudo do filme *Dogville* e material dramaturgicamente de Brecht, foi realizada uma análise comparativa entre a forma de uso dos elementos anteriores por Brecht e por Lars Von Trier.

Resultados e Discussões

Anatol Rosenfeld desenvolve que o narrador pode intervir e expandir a narrativa seja em espaço ou tempo, retroceder ou até antecipar os acontecimentos. Em *Dogville* existe um narrador que segue as mesmas características, e enfatiza o seu conhecimento da narrativa por expressar-se de maneira irônica e sarcástica sobre os acontecimentos futuros ou pensamentos das personagens. Essas características do narrador também facilitam a revelar as personagens em diferentes situações e com diferentes comportamentos, algo que é de evidente interesse para os dois pensadores. Porém, diferente do que Brecht propõe, não há em *Dogville* a narração por parte das personagens ou atores, muito menos um distanciamento entre atores e personagens. A narração é realizada por uma voz *in off*.

O narrador ainda serve como guia para a imaginação do público durante o filme, pois descreve como são as casas de *Dogville*, por exemplo. Lars Von Trier justifica também usa a narração como forma de misturar o cinema à literatura.

Para Brecht, o uso de projeção dos títulos das cenas serve para *conferir ao teatro uma feição literária e assim aproximar o teatro das outras instituições da atividade intelectual* assim, o espectador passa a *pensar sobre uma coisa, e não a partir de uma coisa*. Fica evidente a relação com Lars Von Trier, que, como citado anteriormente, buscava fusão semelhante com o cinema.

Para Brecht, essas introduções indicam o que ocorrerá na cena e podem até conter o final da peça. Assim, o público se ausenta do elemento de “suspense”, pois já sabe o que vai acontecer, e poderá analisar como esse acontecimento se dará. Embora *Dogville* possua também a divisão por cenas, a utilização deste elemento difere da proposta de Brecht. No filme, os subtítulos são usados como forma de instigar este suspense, em que expectativa sobre o que vai acontecer é gerada, e ocorre algo diferente do esperado pela audiência.

Conclusões

Com esta pesquisa cheguei a um questionamento mais apurado sobre a questão do diálogo entre as mídias cinematográfica e teatral. Um grande ponto das teorias de Brecht, como percebi durante meus estudos, é sua grande carga de teatralidade, fugindo do ilusionismo e das convenções teatrais que, de certa forma, passaram a ser compartilhadas pelo cinema.

Para que a adaptação dos elementos estudados seja tão sólida quanto os originais é necessário que se questione os objetivos originais que levaram ao uso dos mesmos e é preciso levar em consideração o diálogo com o contexto histórico, pois as opções de encenação levantadas por Brecht estão em diálogo com o momento histórico em que o mesmo se inseria. Foi preciso revisitar as motivações e funções dessas opções de maneira que elas passassem a dialogar com o momento da criação do filme.

Embora a primeiro olhar os elementos sejam semelhantes, é preciso perceber que nas adaptações existe todo um trabalho de recriação de sentido por trás deles para que sejam efetivos e carregados de importância.



Referências Bibliográficas

- BJÖRKMAN, Stig. *Trier on Von Trier*. Londres: Faber and Faber, 2003.
- BORNHEIM, Gerd A. *Brecht – a estética do teatro*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- BRECHT, Bertolt. *Estudos sobre o teatro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- ESSLIN, Martin. *Brecht: Dos males, o menor*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979
- FEOLA, Mauro Alexandre. *As potências da imagem-tempo e o cinema utópico de Lars Von Trier*. Tese de Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, 2007
- ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo, Perspectiva, 2002.
- SOUZA, Evelise Guioto de. *Dogville, filme e crítica*. Tese de Mestrado, Universidade de São Paulo, Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007